



SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DIRECTOR:
AUGUSTO**O SECULO**DE SANTA
RITA**RAUL e MIGUEL**

Por MATEUS DOS SANTOS MADEIRA

Desenhos de CASTANÉ

CERTO dia estes dois pequenitos tinham jurado que haviam de ir ao rio. Assim eles tivessem uma coisa!... Mas que tentação para ambos, o rio! Ainda lhes soavam aos ouvidos, com todo o seu entono vibrante de ameaça, aquelas terri-

veis palavras com que a mãe os intimidára, um dia que lhe apareceram em casa tarde e a más horas.

— Ouvistes? ralháva-lhes a mãe. — Olhai se ouvistes. Se voltais ao rio, matovos com pancada! Andai lá...

Li como ela dissera aquilo, Mãe Santíssima. Colérica, ameaçadora, com a mão em gume sobre as suas cabecitas loiras... Lembavam-se de haver tremido, cheios de susto, muito chegados um ao outro, humildes sob aquela ameaça terminante. E, então, nesse dia, eles não tinham ido ao rio. Aos pássaros sim... Lá estavam as calças rötas do Raul a dizê-lo... Aos pássaros é que eles tinham ido. Ao rio era bom! A mãe que o soubesse...

Ah, mas, então, não os deixassem dormir naquele quarto! Logo de manhã, mal abriam as janelas, a primeira coisa que viam era o rio, como uma corrente muito lisa e esverdeada, serpenteando entre os renques baixos dos salgueiros. Lá estava a ponte velha, donde os rapazes se atiravam despídos, de cabeça para baixo, e, então, o barquinho branco do fidalgo, — lindo barquinho! — sempre à espera que o proprietário desamarrasse para passar à grande quinta que tinha na margem de lá.

De modo que o primeiro desejo, que logo pela manhã assaltava os dois rapazes, era o de irem por ali abaixo, muito madrugadores, tão madrugadores como os melros, meterem-se dentro do barco, desprendê-lo da praia, e deixá-lo ir, en-

tão, por onde eles quizessem, contanto que fosse sempre para diante... Quando fechavam as janelas para se deitar, a sua vista seguia, mesmo através da escuridão da noite, a linha que ia dar ao barco. Era o seu — «adeus até amanhã!» — aquele pequeno objecto que valia tesouros, que para os dois valia mais que tudo, tudo...

Ah! tivessem eles assim um barquinho que não queriam mais nada...

— Mais nada?!

— Isso não... mais alguma coisa: — a mãe que não ralhasse, está visto.

Mas nessa manhã, bela manhã, na verdade! a mãe viera acordá-los mais cedo. Já pela aldeia um claro rumor de vida — gente que passava para os campos, os solavancos dos carros no empedrado péssimo da rua, os patos da vizinhança, que saíam e mrancho para a digressão pelos prados, grasnando ruidosamente, levantando-se em vôos curtos, espantados da agressão acintosa dos rapazes. Havia mais de uma hora que, ali perto, se ouvia o retintim agüdo do martelo do ferreiro batendo em ferro quente. Já o reitor passára para a missa, em batina, muito hirto e vagaroso, as chaves da igreja

na mão esquerda e na direita a cabacita do vinho. E áquela hora onde iria já a missa! A última beata, encapuchada e lenta, recolhera, trazendo consigo a esteira em que ajoelhára na igreja. Havia mais de meia hora que o João carpiteiro, no meio da rua, dava, com valentia, num carro, cujo eixo ardera na véspera, e que era urgente compôr, pelos modos. Até o Ernesto, do estanco, abrira já a loja, e subira à varanda a regar os mangericos. Começos da labuta diária, emfim, os senhores sabem...

(Continua na página 3)





TIPOS LISBOETAS

MOÇO DE FRETES

do poema em preparação:
LISBOA, cidade boa

Por Augusto de Santa-Rita

Desenho de A. CASTAÑE

MOÇO de fretes... passa
— (que miserável sina!) —
a vida toda à esquina
duma rua, dum largo ou de uma praça!

E' de raça galaica, dessa raça
que é co-irmã da raça lusitana;
não o embaraça
a língua, toda graça,
e que, por tão parecida, nos irmana!

Sempre à espera de alguém que o chame,
o mande
a um recado, mudança, entrega de uma carta...
Seja o frete pequeno ou seja grande,
nunca, nunca se farta.

Sempre a suar em bica!... A' sua lida
entrega-se com gosto;
ninguém melhor do que êle ganha a vida
com o suor do rosto!

BIBLIOGRAFIA

Aventuras de Mariazinha

*Romance infantil de Fernanda
de Castro com ilustrações
de Sarah Affonso.*

FERNANDA de Castro, nome que muitos dos pequeninos leitores do «Pim-Pam-Pum» certamente já conhecem pelos lindos contos, novelas e poesias infantis que tem subscrito, acaba de publicar um novo romance cuja personagem principal é a mesma do seu livro anterior, intitulado: — Mariazinha em A'frica.

Pela transcrição que fizemos no nosso número passado, podem os meninos avaliar o interesse d'êste volume escrito numa linguagem fácil, simples, cheia de pitoresco, de graça e de imprevisto e, ao mesmo tempo acessível a todas as crianças, desde as mais pequeninas às maiores condão que só possuem os grandes artistas educadores como é Fernanda de Castro.

A grande ternura espiritual desta ilustre escritora, que, sendo, simultaneamente, uma notável poetisa, e, ainda, uma Mãe exemplar, trasborda nas páginas d'êste livro encantador, tornando-se crédora de uma profunda gratidão por

parte de todas as mães, a quem nos cumpre recomendar a sua imediata aquisição. Sarah Affonso ilustrou-o profusamente com aquela emoção e subtil inteligência com que sabe, sempre, deslumbrar a exigente curiosidade visual dos pequeninos.

A' hora do recreio

*por Maria Amelia Rodrigues
— capa de Sarah Affonso*

RECEBEMOS, também, a penhorante oferta, d'êste livro cuja autora nos tem, já por várias vezes concedido a sua valiosa colaboração.

Embora de contextura menos infantil do que a empregada nos deliciosos contos que, de sua autoria, temos publicado não queremos, contudo, deixar de o recomendar aos nossos leitores mais crescidinhos, certos de que muito o apreciarão pelas admiráveis qualidades de imaginação, elegância literária e observação que revela e que tornam êste livro de impressões, prefaciado por Antonio Ferro, a prova irrefutável duma vocação que desponta, como Aurora prometedora sobre um fecundo pomar pleno de belos frutos.

AUGUSTO DE SANTA-RITA

(CONTINUAÇÃO DA PAGINA 1)

Pois como lhes disse, a mãe viera, nessa manhã, acordar mais cedo os dois pequenos.

— Fóra, mandriões, vamos! É preciso afazerem-se a madrugar, que tal está! Ai, ai, dia claro há que tempo; vem aí o sol, e os morgadinhos na cama! — E, enquanto falava, ia-lhes abrindo as janelas. — Persignar e vestir, vamos! Calças... colete... os jaquetões... tomem!



E pôs-lhe tudo sobre a cama.

— Mãe, a bênção — balbuciaram os dois, tontos de sono ainda.

— Deus os abençõe! Que Deus não abençoa mandriões, ouviram?! Ora, eu já volto! Queira Deus que não vos encontrem cá fóra; tendes que ver!

Os dois sentaram-se na cama para se vestir, contrafeitos, fechando os olhos àquela hostilidade viva da luz que invadira o quarto num jacto repentino e brutal. Pela abertura larga da camisa, assomava-lhes o peito que eles afagavam numa última carícia, suavemente, docemente. Seria tão bom tornar a adormecer, assim mesmo, sentados! O mais novito ainda teutou deitar-se outra vez, pezaroso de ter de abandonar já o aconchego morno da cama, onde se estava tão bem, onde os sonhos eram tão lindos!...

Mas a mãe não tardava aí. Era preciso vestirem-se, que remédio! Foi, então, que o Raul, mais esperto do sono, olhando para o campo o achou encantador, tódo resplandecente de verduras.

— Bonita manhã, não vé? As árvores parecem mais lindas, repara! Porque será?!

O outro encolheu os ombros, não sabia; só se fôsse por não haver nuvens...

Pela janela aberta, avistava-se um trecho de paisagem que a luz viva da manhã fazia muito nítida. As vinhas tinham um verde encantador, muito suave, trepando encosta acima, fazendo contraste com a rama escura das laranjeiras que cerravam alas nos pomares humildes das baixas. Pedacinhos de horta estavam em tóda a pompa do seu viço e da sua frescura. Viam-se as rodas das noras, latadas compridas, a cuja sombra regalam as merendas.

Um renque de choupos esguios marcava a borda do rio que, nessa manhã, declinava muito sereno, esverdeado de águas, espelhante sob aquele céu imaculado.

— Ah! ah!... — riu-se o Raul, contemplando-o. — O rio! Que te parece?! Olha que é lindo, o rio! Ora é, ó Miguel?!

— É, lá isso... Mas também de que vale? — tornou-lhe, com desalento, o irmão. — A gente não pode lá ir... Olha se mãe o soubesse, anh? — E, mirando a paisagem, perguntou: — Já reparaste no barco, ó Raul?

— Tão bonito!

Os dois riram.

— Parece pintado de novo... E nem se mexe, repara!
— Podéra!... — explicou o Raul... amarrado com uma corda... — E depois, radiante, gesticulando para o irmão: — Mas eu era capaz de o desamarrar...

— Ai eras! — disse, duvidoso, o Miguel, para o incitar!
Calaram-se. Era bom podê-lo desamarrar, lá isso era! Ambos dentro dêle, sózinhos, isso é que seria bom! E eles, então, que estavam mortos por ir ás azenhas, e pelo rio era um instante enquanto lá chegavam. O barco! Era tão bom andar no barco! E aquele, então, era tão lindo, como não tinham visto outro. Nunca lhes haviam esquecido — olhem lá não esquecessem! — aquelas tardes em que o fidalgo os levára dentro do barquinho, ensinando-lhes como se remava. O Raul foi o primeiro que se vestiu, e foi logo direito à janela. Passava naquele instante um bando de andorinhas, chilreando.

— Está um dia lindo, avia-te.

— Olha «avia-te»! para quê? — perguntou o Miguel, torcendo e retorcendo o pé para enfiar o sapato, apoiado com as mãos ambas na borda da cama.

O Raul sorriu-se, triste. — Era verdade... Aviaem-se para quê? A mãe não deixava ir ao rio... E se não, que fôssem! — «Mato-vos com pancadas se desceis a ladeira». — Já se vé que depois de isto... — E os dois suspiravam, desgostosos. «Que pena serem pequenos»!

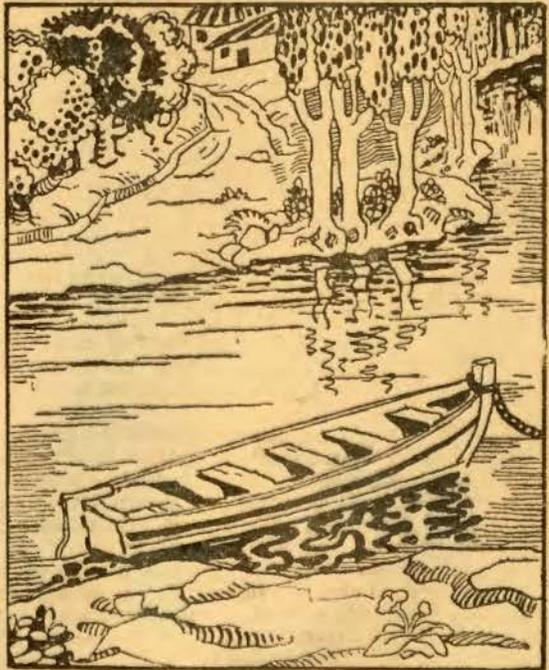
Nisto o Miguel chegou-se também para a janela. Que lindo, o campo! Mas os olhos dos dois não se destitavam do barco, fascinados. Demónio de tentação! E para mais, tinham-no pintado de novo; sobre o branco, a tódo o comprimento, uma facha azul-clara, destacava nitidamente, parece que apenas meio palmo acima do nível da água!

— Táte, ó Raul! E se nós fugíssemos?

— Ora! se fugíssemos!... E depois? A gente tinha de voltar...

Ora aí está! isso é que é pior! A mãe, depois, era capaz de fazer o que tinha prometido. E, arregalando muito os olhos, imitando a colera da mãe: — «Se voltais ao rio...» Ai, ai, a triste sorte!

Recairam em silêncio. Ficaram-se, por instantes, a ver



o sol que rompia ao nascente, numa explosão violenta de luz, acendendo coloridos na largura muito ampla da paisagem.

— Mas, palavra, que o barco parece pintado de novo...

— relembrou com alegria o Raul.

— Mas é que está; palavra que está! Agora é que havia de ser bom andar dentro dêle!...

Os dois riram-se muito àquela idéia encantadora, de andarem no barquinho, assim pintado de novo. Diacho! e

porque não? Por isso, cobrando ânimo, o Miguel disse resolutamente:

— Olha agora o medo! Seguro que nos mata! — E puxando-o pela jaqueta: — Vamos lá, ó Raul?!

O Raul fez que não com a cabeça, e espreitou se vinha a mãe. Como não vinha, disse baixo ao irmão:

— A tardinha, hein? dois pulos e estamos lá. Não é tão fácil dar pela nossa falta, aí à tardinha. A gente finge que vai para o adro. Levam-se os piões...

— Há-de ser mesmó assim! A' tardinha! — concordou o Miguel. — Eh! eh! eu cá desatraco.

— E eu remo, — disse logo o Raul com gesto de quem remava.

— Ao leme vou eu: o leme é aquilo que regula — explicou.

— Pois sim, mas, à vinda, pertence-me a mim, remas tu. Se queres assim...

— Pois está bem, quero! Assim mesmo é que há-de ser! E, recapitulando, para melhor ficar combinado:

— Ao para baixo remo eu, ora remo?!

— Remas.

— E tu regulas, ora regulas?!

— Regulo.

— Ao para cima é ás avessas, ora é?

— É.

Muito bem, «basta palavra!» E ambos, ao mesmo tempo, um ao outro se impuzeram segredo...

— Schiu!...

— Schiu!...

A tarde descaía límpida. Na vasta cúpula do céu, penhas de nuvens alvejavam, imóveis.

Acesas naquela explosão rubra do acaso, as arestas dos montes franjavam-se de púrpura e ouro, na decoração mágica dos poentes. Começava de cair sobre os campos a larga paz tranquila dos crepúsculos, e uma quietação dulcíssima, e vagamente melancólica, entrava de adormecer a natureza para o grande sono reparador de toda a noite.

... E a tarde ia descaindo, cada vez mais límpida.

Naquela luz indecisa do crepúsculo, que mansamente se ia acentuando, os montes do sul tomavam um torvo aspecto de sombras gigantescas, imobilizados num fundo em que se iam apagando, ao de leve, todas as cambiantes de luz. Os pormenores da paisagem perdiam-se naquela indecisão vaga de noite que vinha descendo, e uma espécie de silêncio



confrava com a natureza toda, recolhida num como que espasmo amedrontador e sinistro que dentro de nós invoca a essa hora não sei que vagos receios ou medos inconscientes que fazem com que na imaginação as coisas criem vulto, e no mundo exterior obriguem a retina a exagerar as formas as coisas...

Muda de gorgeios, atravessando o espaço em vôos muito



rápidos, a passurada demandava os ninhos onde se acotasse do frio que acordava.

Caíram, já pesadas sobre os vales, as sombras das montanhas, e um fumosito, subtilmente azulado, nadava à flôr das coisas, velando-as para o tranquilo sono em que iam adormecer.

E a tal hora e no meio de tal silêncio, o barquinho branco deslisava mansamente sobre a água tranquila do rio, onde as primeiras estrelas começavam de lampear. Dentro d'êles, os dois irmãozinhos, silenciosos, iam-se deixando envolver naquele ruído suave dos remos abrindo fenda nas águas... Não! era bem certo que eles não tinham já mais sentido uma tão poderosa e viva alegria — alegria doida que lhes tranvasava do peito, fundindo-se em energia nos músculos e cristalizando-se nos lábios, em sorrisos.

Dentro daquele adorado barco, assim no meio do rio, eram senhores absolutos da sua vontade, poderiam ir para onde lhes parecesse; livres de admoestações alheias; sózinhos, independentes. E esta feliz convicção de liberdade alcançada, fazia-os agora orgulhosos, além de os encher de alegria. Por certo eles nunca tinham sido tão felizes, e quem sabe se o seriam já mais?... No entanto a noite acentuava-se. Espertava nas margens o barulho da água nas raízes fundas dos salgueiros. No céu alto e sereno, scintilavam as estrelas em cardumes.

— Remas, Miguel? — perguntou o do leme. — Olha se a vês... — E apontava para Vesper, a estrela que mais brilhava.

Tinham os dois concebido o estranho desejo de alcançar a estrela, cujo brilho diamantino os fascinava. Tão linda!...

— Anda-me tu com o leme! — tornou-lhe com intimativa o Raul. — Ai a estrelinha! Deixa que ela faz-se fina, mas havemos de passar-lhe adiante, só por isso...

— Olha o milagre! Ela está quêda! — fez o outro, convencido da facilidade da empreza.

— Está quêda, está quêda, mas sempre na frente de nós! Vai lá entendê-la. Olha como brilha, ó Miguel!

— Mas rema, que eu cá vou; falta pouco. Ao direito daquela fraga é que ela está.

Não era difícil passar-lhe adiante, qual era?! Em menos de meia hora era certo alcançá-la.

E, engastada no azul escuro do céu, a estrela parecia brilhar mais, quanto mais a olhavam.



— De que são feitas as estrelas? — perguntou o mais novito.

— De prata. Pois está visto!

Então o outro, lançando um amplo olhar à vastidão infinita do céu, exclamou:

— Eh! tanta prata!

— O sol, êsse é de ouro! — disse ainda o Raúl.

— Bem de ver! — voltou-lhe convencido o irmão. — Que eu, se me dessem à escolha, antes queria as estrelas! Olha que rebanho!

— Pois eu antes queria o sol. Com licença do teu querer, sempre é mais grande!

E enquanto falavam, os dois não desfitavam olhos da estrela feiteira que perseguiram. Os remos, no entanto, iam abrindo fenda na água, com certo ruído muito doce... E lá no alto céu, dir-se-ia que, de instante para instante, a feiteira estrela mais brilhava, incitando-os.

— Vê-la a fazer assim? — e pôs-se a pestanejar, imitando a palpitação crebra e irregular da luz sideral.

— E' que tem sono! — respondeu o outro a rir.

— Olha que não! Aquilo é a fazer-nos negaças, também to digo!

— Ai é?! Pois que faça as negaças e que se descuide: se malha cá baixo, bem se afoga... — E, apontando-lhe um punho cerrado, gritou a rir: — Eh, boletra!

Nêste momento, uma estrela cadente abriu esteira de prata no azul, sumindo-se rapidamente. Os pequenos ficaram com medo e ambos murmuraram em tom de reza as palavras rituais:

Deus te guie bem guiada,
Que no céu foste criada.

— Vês? disse o Raúl que era dos dois o mais supersticioso. — Torna a apontar para elas... Eu cá não aponto, que nascem cravos nas mãos.

— A ti talharam-te o ar, ó Raúl!

— Diz a mãe! A' meia noite levaram-me à fonte e esparinaram-me água para cima do corpo! E a água que havia de estar fria! — observou, encolhendo os ombros. — Depois, viraram-me para a estrelas e disse, então, a mãe:

Ar vejo,
Lua vejo.

Estrélas vejo:
O mal do meu corpo
Para trás das costas o despejo.

Riram muito. O Raúl despidiu, coiracho ao colo da mãe, havia de ser engraçado! E, então, todos de volta, a ver quando se talhava o ar!

— Mas talhou-se! Agora em paga, uma vez por ano (ao menos uma vez por ano) tenho de olhar pelos ralos do lenço, *prás cinco chagas*, umas estrelas que além estão, e rezar uma *Avé-Maria*.

— Sempre, sempre?!

— Até que morra. Depois de morrer, diz que vou morar três dias com três noites dentro de uma.

— Ora! — tornou-lhe incrédulo o irmão. — Tu não cabias lá!

— Não sei! Assim é que anda nos livros!

... Mas os braços doiam já dos remos, doiam muito...

Devia ser tarde, e eles sem darem fé, enlevados como iam no desejo louco de alcançar a estrela.

A noite estava calma, não bulia nas ramagens ramo verde de salgueiro, um silêncio contínuo dominava tudo em volta. E amolentadora e murmura, a água da corrente ia espumando na quilha, com certo ruído cada vez mais doce.

... Mas os braços já doiam mais!...

Agora, no céu, havia muitas estrelas brilhantes, muitas, mas nenhuma como aquela, ainda assim. Entretanto os dois pequenos entraram de olhar menos para ela, pois que, irresistivelmente, a cabeça lhes pedia para o peito, e as pálpebras se lhes cerravam, a despeito de todo o esforço. ... E os braços sempre a doerem!...

Por algum tempo, os remos foram com a pá mergulhada na corrente, cortando-a com levíssimo ruído.

Imobilisára-se também o cabo do leme, sem que nenhum dos dois irmãos desse fé do súbito desleixo do outro.

... E os braços já não doiam, nem ao de leve sequer...

O pequeno barco vogava, agora, à mercê da corrente, sem impulso algum estranho. Dentro dêle, a música levíssima das respirações dos dois pequenos adormecidos...

Algum tempo assim. Se não quando, um ruído surdo, e logo um movimento brusco de balanço, fez acordar o do leme.

Na grande alucinação do perigo, desvairado pelo medo, gritou imediatamente:



— Raúl! O Raúl!

O remador acordou sobressaltado.

— A estrela? Ainda lá está, olha! — disse incoerente, estonteado pelo sono.

— Uma fraga de cada lado! Ouve o rio?! E' já muito tarde! — continuou, aflito, o Miguel.



— Então não lhe passamos adiante? — perguntou ingenuamente o Raul, referindo-se ainda à estrêla.

Mas o irmão, sacudindo-o convulsivamente, procurando chamá-lo à realidade, de novo lhe gritou, com lágrimas na voz:

— Raul, acorda! Olha que estamos perdidos, Raul!

E mal conheceram o grande perigo em que estavam, ambos romperam num choro muito violento, agarrados um ao outro, feridos de um terrível susto, que a hora e o lugar aumentavam angustiosamente. Parecia-lhes medonho aquele marulhar contínuo da corrente, afligia-os como se fosse o psalmodiar monótono e rouco de uma legião de espíritos maus, preludiando-lhes as agonias lentas da morte. Aos dois pequenos, os rochedos informes das margens afiguravam-se-lhes negros gigantes, que, num requinte, de malvada indiferença houvessem jurado assistir impassíveis e mudos à escura tragédia da sua desgraça.

E o barco, sempre encajado, não havia quem o arrancasse dali. Tinham perdido os remos. Teriam de esperar que amanhecesse e alguém viesse acudir-lhes, alguém que ouvisse de longe os seus gritos de aflição!

— Rãse cruelíssimo!...

E então, os braços continuavam a doer; doía-lhes agora o corpo todo, ao mesmo tempo que uma tristeza cada vez mais pesada lhes oprimia o espírito, parece que embrutecendo-os.

— Mas a estrêla sempre além... — notou ainda o Raul, balbuciante de medo, como se quizesse increpar a própria

estrêla da sua indiferença criminoso, no meio daquele enorme infortúnio em que, por causa dela, se haviam precipitado. — Se ela pudesse acudir-nos!

Até que, por fim, prostados da fadiga e com lágrimas, de novo se deixaram adormecer, era já alta noite.

Mas, na sua fúria constante, a corrente, que ali era muito forte, não cessava de bater contra as pedras o pobre barco indefeso. Até que, após tamanho lidar, o rio safou-o de repente para um lado onde as águas se contorciam em remoinho, e entrou de girar com êle, violentamente. Quando a água se precipitou para dentro, os dois pequenos assim de súbito acordados romperam em gritos lancinantes:

— Ai quem acode! Ai Jesus, quem nos vale! Acudam! Acudam!

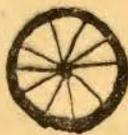
Tinha surgido a manhã, serena, tranquila, cheia de gorjeios e de azul. Mas como ninguém acudisse e a lnta no rio fosse desigual, num repelão mais violento o pobre barco esfacelado investiu de prôa com o abismo e lá se sumiu para sempre! Feridos de morte, no último paroxismo da sua enorme dôr desesperada, os dois irmãositos abraçados sumiram-se também com êle!

.....
... Nesse mesmo instante... — e mais longe do que nunca... a estrêla feiticeira acabava de cerrar também a pálpebra luminosa.

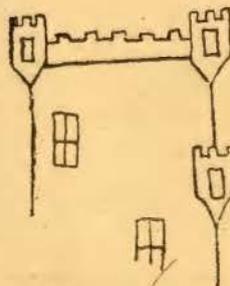
F I M

ENIGMA

A



da



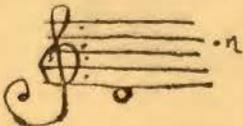
-e

+uma'



-a

+mca

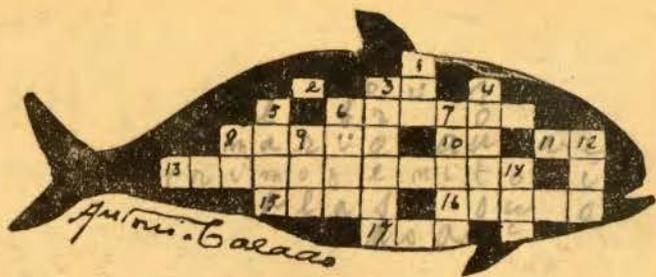


1_{ta}

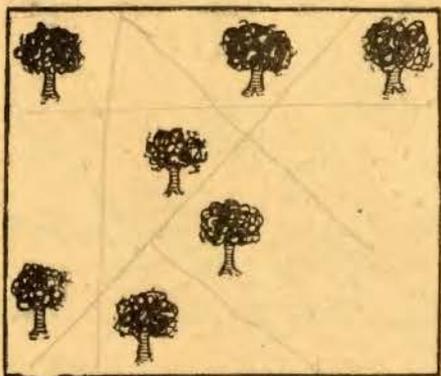


Albuquerque
Lisboa 1930

HORA DE RECREIO



PROBLEMA



Adivinha

Dividir estas árvores com linhas rectas, que se cruzem, de forma a que fiquem separadas uma por uma.

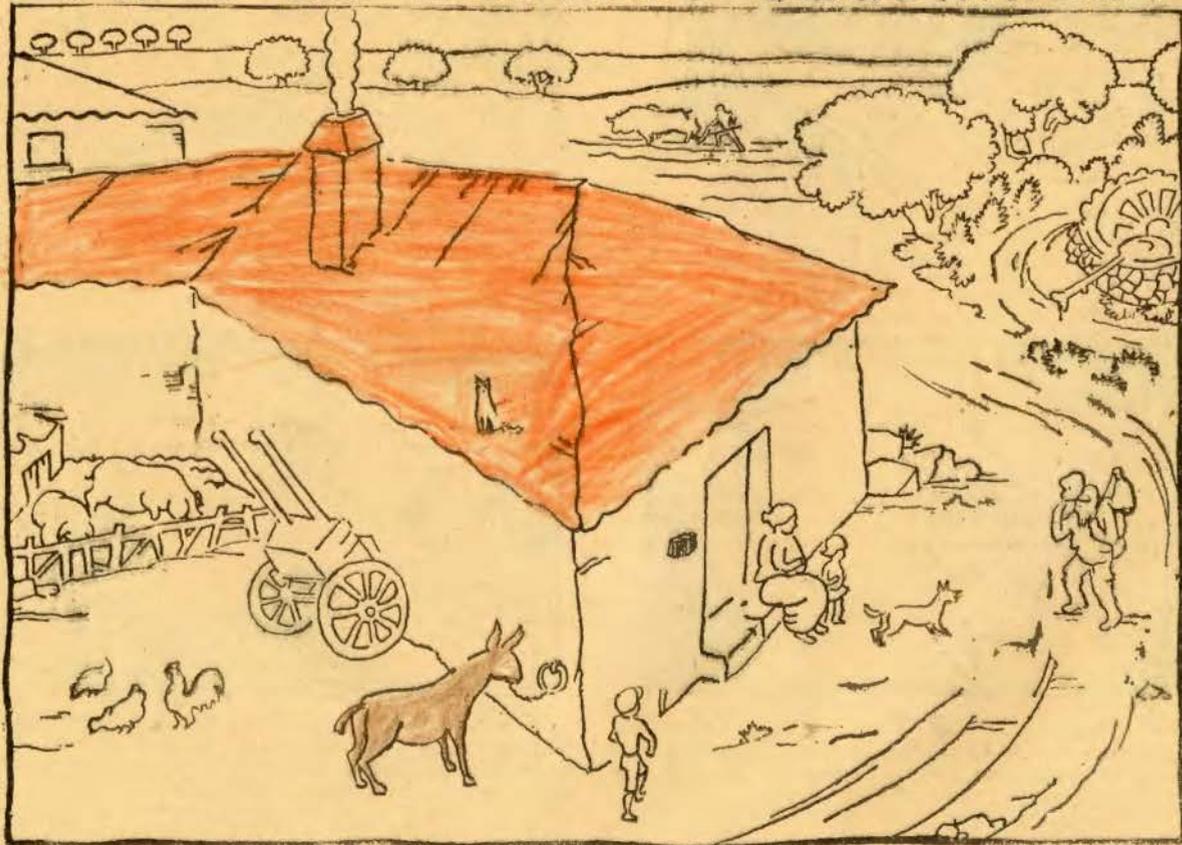
PALAVRAS CRUZADAS O BACALHAU

Dedicada a João Herculano Casaca

HORIZONTALMENTE—3, Letra do alfabeto Grego—6, ruído—8, nome dum homem—10, contracção da preposição *a* e o artígo *o* em Francês—11, atmosfera—13, o que nasce primeiro—15, fileiras—16, advérbio—17, das aves.

VERTICALMENTE—1, embocadura num rio—2, consoante—3, acção valorosa—4, conjunto de castanheiros—5, terra molhada—6, mão fechada com o polegar metido entre o dedo grande e o indicador—7, cacho de uvas—8, nota musical—9, livro de acentos—12, curso de água—14, sim em Francês.

PARA OS MENINOS COLORIREM



Aventuras de Pim, Pam e Pum

POR CASTAÑÉ

(Continuação do número anterior)



1 — Quando Pim, Pam e Pum, caíram pela cratera do vulcão apagado, nada permitia supor que se salvassem, a não ser por um milagre. Mas uma aranha enorme tinha tecido a sua teia numa das paredes do vulcão,



2 — e os três diminutos personagens da nossa história foram cair no meio dela, como sobre uma rede, tal e qual como no Coliseu. Mal eles tinham voltado a si, do susto...



3 — a aranha apareceu e disse-lhes: Nada temam! Eu sou vegetariana! Só como couves e nabos! Senhores viajantes, gostam de pão com manteiga? Então, esperem um pouco...



— Logo que a aranha desapareceu, pela boca da cratera entrou, zumbindo, uma abelha. — O quê?! Vocês, caíram aí! Estão arranjados! — A aranha é vegetariana, aventurou Pum. — Pois sim! tornou a abelha — Só come animais que se alimentam de vegetais! —



5 — Tratem de se safar! Vêem esta fresta na parede. Metam-se por ela. Mais duma mosca tem fugido assim à voracidade da aranha; ela não pode passar. E, seguindo esta indicação, os pequenos coaram-se pela fenda.



6 — Quando a transpuzeram ficaram maravilhados. Estavam numa gruta de lumbrante! As estalagmites, as estalagmites, as flores fossilizadas, cristalizadas, um lago azul, como que iluminado interiormente...

(Continua no próximo número)